

Artes Visuais

Três enfoques na mostra inaugural

FERNANDO CERQUEIRA LEMOS

A exposição inaugural do Centro de Artes Gráficas da Folha, como já divulgado, vai levantar a memória do jornal, numa extensão compatível com o espaço disponível. Será, obviamente, um roteiro sucinto, condensado, dando ênfase a três períodos.

Primeiro, o ano de 1921, ano da fundação deste jornal. Será ele revisto por ser o mais recuado e, portanto, despertar maior curiosidade, com reproduções de anúncios e textos, valendo como uma vitrina da época, abrangendo variados assuntos, inclusive a pintura, a escultura e a arquitetura, não muito coisa, que pouco sobre artes visuais foi então publicado.

Segundo, a obra de Belmonte, cuja produção foi intensa nos anos 30 e 40 (até 1947, quando o artista faleceu). Serão mostradas ilustrações e charges políticas. Belmonte se destacou na caricatura, abordando temas nacionais e internacionais (abragendo a 2.ª Grande Guerra); a obra de Belmonte será mostrada através de desenhos originais (destinados à impressão na Folha) e reproduções de desenhos impressos no jornal.

Terceiro, o quadrênio 1958/1962, quando a Galeria da Folha, sob a orientação de José Geraldo Vieira, se destacou no cenário paulista e mesmo brasileiro, revelando grandes artistas, incentivando carreiras e concedendo o Prêmio Leirner que, em alguns casos, foi o empurrão decisivo para a glória, a exemplo de Manabu Mabe; os premiados Leirner estarão presentes cada uma com uma obra — são 14 ao todo — de produção recente, pois que seria impraticável recolher os próprios trabalhos premiados, espalhados pelos museus do país, doados que foram por Isai e Felícia Leirner.

Estes três enfoques principais — 1921, Belmonte e Galeria de Arte — serão amarrados entre si com um painel fotográfico da gente desta casa, desde a fundação, que nestes 60 anos fez um dos principais jornais brasileiros. A exposição de fotos será resumida àquelas que ajudem na visualização da sequência concisa a que já me referi, evitando-se constituir num painel enfadonho de fotos secundárias que pouco auxiliariam no registro da memória da Folha.

A história de corpo interior deste jornal, quem a desejar, terá no excelente volume elaborado por Carlos Guilherme Mota, atualmente no prelo, que retrata a Folha dentro do contexto sócio-político-econômico brasileiro.

OPINIÕES

Prosseguindo na divulgação de opiniões sobre o Centro de Artes Gráficas da Folha, mais quatro palavras nos chegaram, de Izar do Amaral Berlinck, de Anésia Pacheco e Chaves, de Hudnilson Urbano Júnior e de Hermelindo Flaminghi.

"Parabéns pela idéia — disse Izar, fundadora do Nugrasp, Núcleo de Gravadores de S. Paulo, Prossegue: "Para artes gráficas só aceito uma categoria: a gravura gravada mesmo, como o talho doce sobre metal ou a xilogravura sobre madeira ou linóleo. Aceito porém, a litografia, desenhada no computador, apropriada e a serigrafia, sobre tela furadilha".

Izar do Amaral Berlinck acha que fora essas categorias, o resto é "tapeação". Diz: "Essa 'modernidade' com processo quase sempre 'tapeadores', como o fotográfico, é para quem não sabe gravar nem criar, nem desenhar e tem preguiça, indo para o mais fácil. E uma pena, mas a juventude (com exceções) está se perdendo, sempre procurando o caminho mais fácil, mesmo sendo desonesto. Sei de alguns que fizeram nome através da ajuda de um fotógrafo e de um transportador para o papel, por meios ilícitos com a projeção sobre o tecido e tela. Onde iremos parar? Ando até com um nó na garganta diante de tais despautérios".

"Aprovo o Centro de Artes Gráficas da Folha — diz Izar —, pois fui das primeiras a contribuir para o bom êxito das exposições realizadas na Galeria da Folha, inclusive já expondo com Jacques Douche e Norberto Nicola. Anésia Pacheco e Chaves foi telegráfica: "Penso que o desenho deve ser considerado 'arte gráfica'. Quanto menos se separar, especificar, segregar, compartimentar, melhor. Penso também que as mostras deveriam ser acompanhadas de debates sobre arte em geral e sobre os trabalhos expostos, talvez".

Laboratório gráfico

Hudnilson Urbano Júnior, jovem artista integrante do grupo 3Nós3, acredita ser de extrema importância firmar particulares e/ou fundações apoiarem a nossa cultura nas diversas áreas da arte. "Suponho — diz — não ser este o Centro formado com o intuito de apenas reafirmar o já conhecido e viado circuito das artes ditas 'oficiais' e firmar assim o mercantilismo puro e inconsequente que caracteriza as galerias e museus, mas poder, através de todos os equipamentos e recursos próprios da casa, funcionar como propulsor dinâmico da área da pesquisa e da documentação".

Prossegue Hudnilson Jr.: "Como é próprio do mídia jornalístico utilizar-se das formas atuais de visualidade (fotos, ilustrações, diagramação, etc.) a julgo ser o lugar ideal para se criar um vasto centro de documentação e também de divulgação desta pesquisa visual, um centro de documentação do que se tem criado a partir dos novos mídias (xerox, heliografia, design, fotografia, holografia etc.) a nível nacional e internacional.

"A partir de seus (do jornal) recursos característicos, concilio-se também de extrema importância que o Centro funcione a nível profissional, com os artistas participando efetivamente do jornal, com o intuito de interação, veiculando seu (do artista) trabalho, divulgando discussões/debates de importância na área, contribuindo no fundo/interferindo na dinâmica do jornalismo.

"Penso neste último item a partir de experiência, já por nós vivida, quando fizemos publicar em 'Artes Visuais', em 1979, um texto/trabalho do grupo 3Nós3, do qual participei, e a partir de projeto por nós apresentado em 1980 (Circuito da flecha) que, exatamente por não existir essa dinâmica, não foi realizado, mas que agora será editado por um jornal de João Pessoa, Paraíba, por ocasião da mostra do grupo 3Nós3 no Núcleo de Arte Contemporânea-NAC, a se realizar no mês de março".

Hermelindo Flaminghi por sua vez considera a TV, gráfica eletrônica porque a TV produz imagem a partir de uma retícula. Diz que a imagem via satélite, a holografia e outros "bichos" tornam obsoleta qualquer discussão para concluir o que é arte gráfica ou não é.

"As artes gráficas são hoje — afirma Flaminghi — uma atividade ampla e abrangente. A tecnologia evoluiu eletronicamente se coloca a serviço do artista plástico-poeta da metalinagem. Tenho certeza que resultará daí novos conceitos de arte, ainda não formulados. A 'Folha' com seu imenso parque gráfico, poderá fazer detonar novas manifestações de arte, ainda adormecidas ou timidamente enfocadas.

"Exceção feita à gravura e à litó — prossegue Flaminghi — consagradas tecnicamente, o artista plástico vem se utilizando das novas técnicas gráficas ainda com timidez ou até romanticamente, por falta de recursos materiais ou por falta de um conhecimento mais amplo desses recursos: scanner, fotolito, fotomecânica, offset gravado, etc. cujas performances proporcionam enfoques novos em sua própria linguagem enquanto fazer/pesquisar, criar/produzir, dependendo só do olho e do comportamento de quem está por trás desses equipamentos.

Conclui Flaminghi: "Esse 'laboratório' gráfico onde o artista plástico poderá se informar/dialogar/praticar novas técnicas, é um espaço novo que o Centro de Artes Gráficas da 'Folha' poderá proporcionar às artes e à cultura".



Flaminghi: "Os artistas utilizam técnicas gráficas com timidez".



Hudnilson Jr.: ... um centro de documentação a partir dos novos mídias.

Izar: "Modernidade" com processos 'tapeadores'.

Notas

Dentro de um critério de dar impulso à xerografia artística, a Pinacoteca do Estado instalou em suas dependências, no ano de 1980, uma máquina xerox franqueada aos artistas que desejem utilizar esse meio para suas pesquisas e realizações. Júlio Plaza, Regina Silveira, José Wagner Garcia, Hudnilson Jr., Genilson Soares, Francisco Inarra, Marcelo Nitsche foram alguns dos artistas, entre outros, que se valeram desta possibilidade aberta pelo museu. A Pinacoteca do Estado também possibilita aos artistas a tiragem de edições de arte em xerografia, como a feita pelo artista cearense Benê Fonteles, em dezembro de 1980.

Além deste aspecto artístico, um outro, funcional, foi possibilitado por essa instalação: boletins, folhetos e cartazes, passaram a ser impressos em xerografia, ampliando e facilitando a divulgação das atividades do museu, possibilitando melhor atendimento e orientação ao público. Assim surge, em fevereiro de 1981, o Boletim de Atividades em novo formato, a ser editado mensalmente, utilizando os recursos da linguagem xerográfica e impresso integralmente em xerox.

Dirigido aos artistas colaboradores e ao público frequentador do museu, este boletim está aberto à crítica e sugestões, no sentido de aperfeiçoá-lo como instrumento de divulgação da Pinacoteca do Estado e facilitar a interação entre o museu e seu público.

A Galeria Sesc Paulista (Av. Paulista, 119) promove, a partir do próximo dia 11 de março, mostra de gravuras em metal de quatro artistas: Jeanete Zeido, José Antônio Arantes, Luis Cláudio Mubarrak, Madalena Hashimoto e Marco Buti.

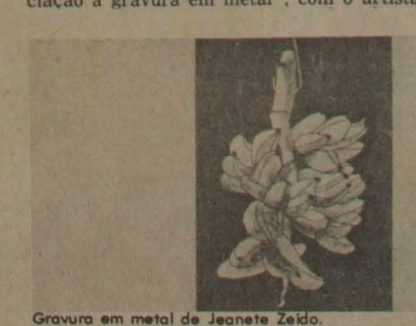
A Corlidosp (tel. 273-9165), fruto do programa de colaboração existente entre o Museu Paulista da USP (Museu do Ipiranga) e o Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo, realizará Curso de Difusão Cultural sobre "Restauração de Livros: o uso da técnica de velatura", de 6 a 9 de abril próximos, sob a responsabilidade da prof. Gilda Leifowicz, chefe da Seção de Preservação e Restauração da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Desde 5 de março, o fotógrafo Mário Paiva Jr. estará expondo seus trabalhos no Museu de Arte de São Paulo. São 17 fotografias, que retratam pessoas e cenas da vida inglesa, elaboradas quando o artista lá esteve, cursando fotografia no "West Surrey College of Art and Design", por 3 anos.

Paulista, 32 anos, Mário trabalhou em "O Estado de São Paulo", "Jornal da Tarde", e na Abril Cultural, como free-lancer. Atualmente está trabalhando para as revistas "Vogue", "Senhor", "Gourmet", "Isto É", etc.

A exposição — a primeira que realiza em São Paulo — estará aberta até o dia 22 de março.

O Jogo Estúdio reiniciará suas aulas amanhã, oferecendo dois cursos de artes plásticas: "Desenho/Desinibição do traço" com Silvio Dworecki, arquiteto e artista plástico, professor da FAU-USP e da FAAP, e "Iniciação à gravura em metal", com o artista



Gravura em metal de Jeanete Zeido.

Discos/Lançamentos

Independentes, um novo fôlego criativo

JOÃO MARCOS COELHO

A semana do Carnaval seguiu o ritual das primeiras oito deste ano. Ou seja, praticamente nenhum lançamento novo. Por isso, está a uma boa chance para um exame mais atento dos novos discos instrumentais independentes, comentados nas duas semanas anteriores. A análise se completa com entrevistas feitas com integrantes do "Divino Incrência", "Grupo Um" e "Pé Antepé".

A mágica da palavra "jazz" incendiou corações e mentes dos músicos paulistas, depois que dois festivais com esse rótulo foram realizados em São Paulo, de 1978 para cá. Enquanto as gerações mais velhas encastelaram-se em raros templos puristas — cultivando o dixieland, o New Orleans e outros defasados estilos de sessenta, setenta anos atrás —, a meninada que agora anda pela casa dos 20 anos saiu a campo com uma natural, enorme garra e surpreendente bagagem técnica. Estimulados pelas bem-sucedidas experiências dos compositores e cantores "independentes" — que produzem as sessões de gravação e bancam a distribuição de seus discos desde o hoje histórico LP "Folha em Casa", de 1976, de Antônio Adolfo — pianistas, bateristas, percussionistas, contra baixistas, saxofonistas, flautistas e pistonistas encorajaram-se e enfrentaram o desafio.

Já se catalogaram mais de uma centena de discos "independentes", produzidos entre o ano passado e início deste. E pelo menos 10% deles são de música instrumental feita por grupos paulistas. De um modo ou de outro, praticamente todos apresentam alguns parentesco com o que hoje se entende por jazz. Quando Carlos Lyra, no auge da bossa nova, detectou a "Influência do Jazz", pensava-se em algo bastante preciso: transplantavam-se muitos cacóetês jazzísticos — como os harmônias do "cool" jazz de Stan Getz infiltradas nas canções de Tom Jobim ou a fórmula do trio piano-contrabaixo-bateria, que deu o Tambá Trio, a Bossa Três e o Sambalanco Trio, entre outros.

Ficava, entretanto, a impressão de que os músicos só tocavam temas brasileiros por causa da receptividade do mercado — caso contrário, se embrenhariam no jazz mais estrito. Hoje, esse rigor já não existe. "Acho que podemos usar qualquer estilo jazzístico, como o bebop dos anos 40, ou 'achados' eruditos do Stockhausen e do Luciano Berlioz", dois compositores de vanguarda contemporâneos. Quem refletiu de maneira tão aberta é Caio Marcondes, 28 anos, baterista do "PéAntepé", conjunto paulista que acabou de lançar um disco independente. "So que fazemos um som nosso, e dessas fontes retiramos apenas a liberdade do improviso". No imenso caldeirão de gêneros que constitui o jazz atual, entra todo e qualquer ingrediente, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do "fracasso" da apresentação no 1.º Festival de Jazz de São Paulo, no ano anterior —, indica outra característica significativa da música atualmente praticada pelos grupos paulistas: "Foi preciso que Chick Correa assimilasse o bafo e o em-talento, desde que respeitado o quesito apontado por Caio, José Eduardo Nazário, baterista do pioneiro "Grupo Um" — o primeiro a gravar disco instrumental independente, "Marcha sobre a Cidade", em setembro de 1979, apesar do